

A DEPRESSÃO INFANTIL E A AUTO-EFICÁCIA: INFLUÊNCIAS NO RENDIMENTO ESCOLAR

Andréia Mara Fernandes¹, Rute Grossi Milani²

RESUMO: A depressão pode afetar a vida das crianças, e, na atualidade, este assunto tem ganhado destaque visto as repercussões para a vida acadêmica delas. Objetiva-se identificar na literatura indexada artigos e livros científicos que abordam a relação existente entre a depressão infantil, o julgamento que a criança faz de sua auto-eficácia para realizar atividades e o rendimento escolar. Procedeu-se a seleção dos artigos junto às bases de dados: LILACS e Scielo, e de livros através de bibliotecas de universidades, no período de 1993 a 2008. Na análise dos estudos foi possível perceber que, em consequência da depressão infantil, pode ocorrer um comprometimento emocional, cognitivo e das funções sociais. Os principais sintomas podem ser dificuldades de concentração, sensação de inutilidade, sensação de culpabilidade excessiva, interesse ou prazer reduzidos, falta de expressão emocional, baixa na motivação, abatimento. A queda no rendimento escolar pode ser considerada um sintoma significativo deste transtorno. O mecanismo através do qual a depressão infantil afeta o rendimento escolar envolve um processo em que a crença de auto-eficácia da criança é prejudicada, ou seja, quando a criança está deprimida ela não consegue acreditar no próprio desempenho, tendendo a apresentar baixo rendimento acadêmico e a depressão pode ser agravada. O estudo mostra a necessidade de mais pesquisas empíricas que abordem o tema para que se aprofunde o conhecimento deste transtorno e de suas consequências para a vida da criança, a fim de que se possa oferecer um suporte psicológico mais adequado, bem como elaborar estratégias de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE: Auto-eficácia; Depressão Infantil; Rendimento Escolar.

INTRODUÇÃO

A depressão em fase tenra da vida pode ter um efeito devastador. Há alguns anos atrás a depressão infantil não era reconhecida pelos profissionais de saúde, seus sintomas eram ignorados, também eram escassos o conhecimento e as pesquisas sobre o assunto, como consequência, muitas crianças sofreram e não tiveram a oportunidade de serem ajudadas. Recentemente, observa-se um interesse crescente pela depressão infantil no mundo científico e, muitos avanços já foram alcançados para a compreensão e tratamento deste problema (MILLER, 2003).

Através do presente estudo pretende-se compreender, de uma forma abrangente, as formas de manifestação da depressão infantil e os seus sintomas. A compreensão dos sintomas da depressão infantil é de capital importância para que se possa fazer o diagnóstico.

¹ Discente do Curso de Psicologia do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá), participante do PICC desta instituição.

² Docente do Curso de Psicologia do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá), Mestre e Doutora pela USP, Orientadora do PICC.

É preciso muito cuidado, por parte dos profissionais da saúde mental envolvidos no acompanhamento da criança que apresenta sintomas depressivos, pois, de acordo com Calderaro e Carvalho (2005), nem sempre a criança consegue expressar o que está sentindo na forma verbal. A fase do desenvolvimento em que ela se encontra também influencia em sua forma de expressão, portanto, é preciso estar atento às manifestações não-verbais, em suas brincadeiras, na maneira como se relaciona com o outro, no que ela investe seu tempo. O comportamento na escola e o ritmo de produção acadêmica devem ser considerados para o diagnóstico da depressão infantil. Assim, é necessário aprofundar a compreensão das conseqüências da depressão para o desenvolvimento infantil e, em especial, o seu impacto sobre a aprendizagem.

Através da presente revisão de literatura pretendemos destacar o que os autores têm proposto nos últimos 15 anos no que se refere aos sintomas da depressão infantil e a relação existente entre a depressão infantil e o julgamento que a criança faz de sua auto-eficácia para realizar atividades, buscando compreender o impacto da depressão sobre o desenvolvimento da criança na área escolar. Para a realização deste estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica, procurando extrair as contribuições mais significativas ao estudo do tema dentre o material teórico ao qual tivemos acesso. As fontes de referência foram: bases de dados eletrônicas, tais como: LILACS e Scielo, entre outras, no período de 1993 a 2008. Os resultados foram divididos nos seguintes tópicos: depressão infantil e sintomatologia, e a depressão infantil, o rendimento escolar e a auto-eficácia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DEPRESSÃO INFANTIL E SINTOMATOLOGIA

A depressão pode ser diagnosticada na infância, pois, segundo Calderaro e Carvalho (2005), as crianças também se angustiam frente às dificuldades da vida e podem apresentar sofrimento existencial, porém, estão menos preparadas do que os adultos para suportar as pressões e as frustrações. Grunspun (1999) afirma que as crianças podem enfrentar os mesmos problemas que os adultos e têm acesso às mesmas informações que eles, sendo que, também, elas vivenciam intensos conflitos em decorrência de perdas, de separações, de frustrações, o que pode vir a desencadear a depressão infantil.

Segundo Miller (2003), as crianças depressivas podem sofrer de quatro classes principais de dificuldades, que estão relacionadas ao pensamento, emocional, comportamental e fisiológico; as dificuldades com o pensamento podem ser dificuldades de concentração, indecisão, sensação de inutilidade, pensamentos mórbidos e sentimento de culpa excessiva, os problemas emocionais se apresentam em forma de abatimento, irritabilidade, interesse ou prazer reduzidos nas atividades e falta de expressão ou variação emocional, as dificuldades comportamentais são percebidas na agitação ou na letargia, e, as dificuldades fisiológicas são muito ou pouco sono, falta ou excesso de apetite, fadiga e falta de energia.

Calderaro e Carvalho (2005) afirmam que, além do comprometimento importante das funções sociais, ocorrem o comprometimento emocional e cognitivo e que, juntos interferem no desenvolvimento infantil como um todo, afetando não só a criança mas também sua família e as pessoas com as quais ela se relaciona. Outro aspecto comentado por estes autores, é que a criança, dependendo da fase em que se encontra, pode não saber expressar o que sente na forma verbal, então é preciso estar atento às manifestações pré-verbais, como a expressão facial, produções gráficas, alterações comportamentais, postura corporal, entre outras formas de expressões.

Os sintomas relatados não devem ser considerados isoladamente, pois é necessário que se perceba a ocorrência simultânea de vários deles e também por quanto

tempo eles estão acontecendo (CALDERARO; CARVALHO, 2005). Lima (2004) comentando sobre o DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – Texto Revisado), afirma que para a definição de depressão maior é necessária a ocorrência de cinco ou mais sintomas característicos desta patologia, sendo pelo menos um deles humor deprimido ou perda de interesse ou prazer e, para que a depressão seja diagnosticada é preciso que os sintomas estejam promovendo sofrimento clinicamente significativo ou então que estejam causando deterioração no funcionamento social, que os sintomas não sejam decorrentes de uso de substâncias e nem promovido por outra condição médica e que não sejam explicados por uma fase de luto natural.

É preciso muito cuidado para que a depressão não passe despercebida por parte dos profissionais que lidam com a criança, pois quanto mais cedo a depressão for diagnosticada, melhor é para ela: “O diagnóstico precoce revela-se, assim, imprescindível para que os comportamentos relacionados com a depressão possam ser mais facilmente tratados e/ou modificados” (Andriola; Cavalcante, 1999, p.4). É nítida a importância do discernimento sobre a situação da criança depressiva, mas, de igual importância, é estar alerta sobre o fato de que, após o diagnóstico e o tratamento e a consequente melhora do quadro depressivo na criança, ela precisa de acompanhamento e suporte, pois, muitos estudos, de acordo com Lafer, Almeida, Fráguas e Miguel (2000), mostram que esta criança pode apresentar auto-estima mais pobre, que é um fator indicativo de recorrência de depressão no futuro.

A DEPRESSÃO INFANTIL, O RENDIMENTO ESCOLAR E A AUTO-EFICÁCIA

Para falarmos sobre os efeitos da depressão para a aprendizagem, é interessante que compreendamos o que vem a ser este conceito. Lima, Mello, Massoni e Ciasca (2006), argumentam que a aprendizagem prevê mudança de comportamento, mudança esta que resulta de experiências e que depende da forma como fatores individuais e ambientais interagem. Entretanto, existem alguns fatores de risco que podem fazer com que ocorram dificuldades de aprendizagem, fatores que influenciam negativamente e a prejudicam, entre eles se encontra a depressão infantil.

A queda do rendimento escolar é um dos sintomas da depressão infantil que causam maiores prejuízos à vida da criança, pois, em decorrência da depressão, segundo Miller (2003), tanto o desempenho acadêmico, como o funcionamento social, podem ser comprometidos. Dificuldades escolares podem ser consideradas o primeiro sinal de que a criança pode estar iniciando um quadro de depressão: “um sinal precoce pode ser uma queda no rendimento escolar” (Lafer; Almeida; Fráguas; Miguel, 2000, p. 233). Os problemas de aprendizagem muitas vezes são vistos por alguns autores não apenas como um sintoma, mas como uma sobreposição, como uma associação entre condições, pois “crianças deprimidas com frequência têm múltiplos problemas, como fracasso escolar, funcionamento psicossocial comprometido e transtornos psiquiátricos comórbidos” (Maj; Sartorius, 2005, p. 193). Quando se fala da associação entre depressão e problemas de aprendizagem, coloca-se mais ênfase no fato da depressão infantil levar às dificuldades escolares, mas é preciso levar em consideração, que crianças que tem baixo rendimento escolar, também podem apresentar sintomas de depressão em decorrência disto, logo, é preciso entender que estes fatores se interrelacionam, não apenas e/ou necessariamente um acarreta o outro, mas interagem entre si. Neste sentido, é que Stevanato, Loureiro, Linhares e Marturano (2003) comentam que problemas emocionais influenciam problemas acadêmicos e que estes afetam os sentimentos das crianças.

Quando falamos da sensação de capacidade para realizar tarefas que é tão necessária à criança, estamos falando sobre a auto-eficácia, “define-se como auto-eficácia a crença do indivíduo sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas” (Medeiros; Loureiro; Linhares; Marturano, 2000, p. 328). Esta crença na

própria capacidade envolve o quanto a criança se sente capaz de mobilizar recursos cognitivos para a realização de uma tarefa e o quanto ela pode controlar suas ações sobre o meio. O senso de auto-eficácia é influenciado por fatores ambientais e pessoais, e, ao mesmo tempo, ele influencia a aprendizagem e o quanto a criança se sente motivada para realizações acadêmicas (MEDEIROS; LOUREIRO; LINHARES; MARTURANO, 2000). Entre os fatores que influenciam a crença de auto-eficácia está a experiência escolar, pois ela “tem um papel crucial na formação das autopercepções das crianças” (Stevanato; Loureiro; Linhares; Marturano, 2003, p.68).

É preciso entender como ocorre esta interação, como a depressão infantil se relaciona com a crença de auto-eficácia e o rendimento escolar. “A auto-eficácia dos estudantes, juntamente com outras crenças e atitudes para a aprendizagem, é forte preditor de desempenho acadêmico” (Medeiros; Loureiro; Linhares; Marturano, 2000, p. 328). A baixa concentração, citada por Maj e Sartorius (2005), pode prejudicar o desempenho da criança durante a realização de tarefas escolares, afetando a compreensão que a criança tem de si própria de que ela é capaz para esta realização. Cruvinel e Boruchovitch (2003) quando descrevem as funções cognitivas que são afetadas no processo depressivo, além da concentração e atenção, também citam a memória e o raciocínio como funções que se alteram e que podem influenciar no desempenho escolar da criança.

A sensação de impotência, citada por Alsop e McCaffrey (1999) como um dos sintomas da depressão infantil também se relaciona com a auto-eficácia, pois ela faz com que a criança pense que não pode conseguir desempenhar atividades, estando vinculado a esta sensação o sentimento de inutilidade. Marcelli (1998) comenta que é comum, na fala da criança deprimida, o discurso de que não consegue, não sabe, não pode, isto implica que sempre existe a temática do fracasso, o que repercute na crença de auto-eficácia e no desempenho escolar. A baixa auto-estima pode ser vivenciada fortemente pela criança deprimida, conforme Lima (2004), e isto produz uma intensa sensação de inadequação pessoal, o que repercute no senso de auto-eficácia e no rendimento escolar, pois “crianças que apresentam pobre desempenho escolar e atribuem isso à incompetência pessoal apresentam sentimentos de vergonha, dúvidas sobre si mesmas, baixa estima e distanciamento das demandas de aprendizagem” (Stevanato; Loureiro; Linhares; Marturano, 2003, p. 67). Maj e Sartorius (2005) colocam que a baixa motivação é uma das principais razões para as dificuldades relacionadas ao pobre desempenho acadêmico, se manifestando como falta de interesse, pois, na criança deprimida “a ação e a expressão estão alteradas, inibidas, e suas repercussões são notadas na indiferença, no desinteresse tanto por atividades habituais de rotina, como atividades escolares e brincadeiras” (Curatolo; Brasil, p.171, 2005).

Cruvinel e Boruchovitch (2003) discutem a relação entre a depressão infantil e o baixo rendimento escolar, segundo elas, alguns questionamentos sobre se a criança deprimida apresenta um déficit intelectual ou não já foram levantados, mas, o que tem sido percebido na realidade, de acordo com o resultado de alguns estudos, é que a inteligência não se relaciona diretamente com a depressão, isto é, a criança deprimida não apresenta, necessariamente, um nível intelectual abaixo da média, logo, o baixo desempenho escolar é resultado direto de dificuldades provocadas pela depressão; estas autoras deixam claro que tudo indica que a criança deprimida tem baixo rendimento escolar porque sua motivação para aprender é reduzida em função do sentimento de autodesvalorização e porque sua cognição e crenças sobre si mesma são afetadas negativamente e de forma contundente, “crianças que apresentam crenças negativas sobre sua capacidade para aprendizagem e baixa auto-eficácia manifestam mais problemas escolares” (Cruvinel; Boruchovitch, 2003, p. 10).

CONCLUSÃO

A partir do entendimento produzido pelos estudos apresentados é possível perceber o impacto negativo provocado pelos sintomas da depressão infantil ao senso de auto-eficácia e ao rendimento escolar da criança. A depressão infantil precisa ser realmente levada a sério, tanto por pais, como por professores, médicos, terapeutas e demais profissionais que estejam envolvidos com a criança, mas, para que isto aconteça é de extrema importância que sejam estudados os sintomas que podem ser apresentados pela criança, para que eles não passem despercebidos.

Considerando que a depressão infantil, dependendo de sua intensidade, constitui-se um transtorno psiquiátrico incapacitante, tanto do ponto de vista psicológico e emocional, como social, e, com frequência, repercutindo na vida escolar, é necessário que mais pesquisas sejam efetuadas para que este transtorno seja melhor conhecido e seja possível a elaboração de estratégias tanto de prevenção como de suporte para a criança em estado depressivo.

A queda no rendimento escolar pode ser uma consequência direta deste tipo de transtorno. Uma criança que tenha dificuldades de aprendizagem decorrentes da diminuição da crença de auto-eficácia produzida pelos sintomas da depressão infantil, pode ter seu futuro acadêmico e profissional comprometido, lembrando que, além da própria dificuldade com o avanço em termos pedagógicos, no sentido da aprendizagem escolar, a depressão infantil gera uma sensação de fracasso que influencia negativamente a postura da criança frente à vida de uma forma geral.

No estudo efetuado foi possível encontrar vários artigos e livros que abordam a depressão infantil, mas foi encontrado pouco material específico sobre a relação existente entre a depressão infantil, o julgamento que a criança faz de sua auto-eficácia para realizar atividades e o rendimento escolar. Mesmo em face destas dificuldades relacionadas ao pouco material publicado sobre o assunto, a pesquisa teve seus objetivos atingidos, pois foi possível relacionar a queda do rendimento escolar com a ocorrência da depressão infantil, fenômeno que se dá através da diminuição do senso de auto-eficácia percebido pela criança deprimida.

REFERÊNCIAS

ALSOP, Pippa; MCCAFFREY, Trisha. **Transtornos Emocionais na Escola**. São Paulo: Summus, 1999.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira; CAVALCANTE, Luanna Rodrigues. **Avaliação da depressão infantil em alunos da pré-escola**. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999.

CALDERARO, Rosana Simão dos Santos; CARVALHO, Cristina Vilela de. **Depressão na infância: um estudo exploratório**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, n. 2, 2005.

CRUVINEL, Miriam BORUCHOVITCH, Evely;. **Depressão Infantil: uma contribuição para a prática Educacional**. *Psicol. Esc. Educ.* v. 7 n.1 Campinas. Jun 2003.

CURATOLO, Eliana; BRASIL, Heloísa. **Depressão na infância: peculiaridades no diagnóstico e tratamento farmacológico**. *J. Bras. Psiquiatr.* 54 (3), 2005.

DSM – IV – TR **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002..

GRUNSPUN, Haim. **Crianças e Adolescentes com transtornos psicológicos e do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

LAFER, Beny. et al. **Depressão no ciclo da vida**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LIMA, Dênio. Depressão e doença bipolar na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, vol.80, n.2, 2004.

LIMA, Ricardo Franco de. et al. Dificuldades de aprendizagem: queixas escolares e diagnósticos em um serviço de Neurologia infantil. **Rev. Neurociências**, 14 (4), 2006.

MAJ, Mario; SARTORIUS, Norman. **Transtornos Depressivos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARCELLI, D. **Manual de Psicopatologia da Infância de Ajuriaguerra**. 5 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MEDEIROS, Paula Cristina. et al. **A Auto-Eficácia e os Aspectos Comportamentais de Crianças com Dificuldade de Aprendizagem**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 2000.

MILLER, Jeffrey A. **O Livro de Referência para a Depressão Infantil**. São Paulo: MBooks do Brasil Editora Ltda, 2003.

STEVANATO, Indira Siqueira. et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n.1, 2003.